

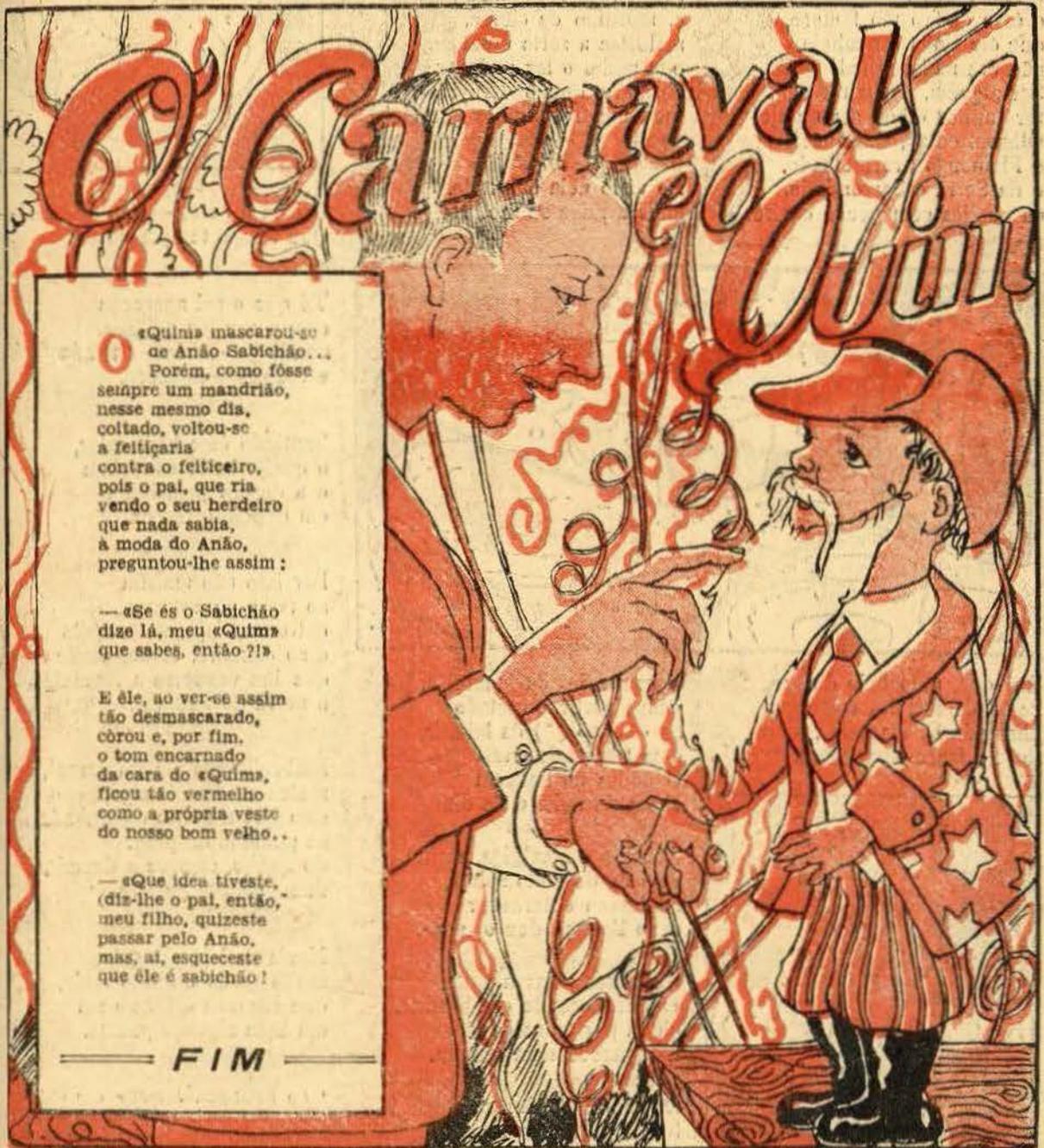


DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA



O «Quims» mascarou-se de Anão Sabichão... Porém, como fosse sempre um mandrião, nesse mesmo dia, coitado, voltou-se a feiticeira contra o feiticeiro, pois o pai, que ria vendo o seu herdeiro que nada sabia, à moda do Anão, perguntou-lhe assim :

— «Se és o Sabichão dize lá, meu «Quims» que sabes, então ?!»

E ele, ao ver-se assim tão desmascarado, còrou e, por fim, o tom encarnado da cara do «Quims», ficou tão vermelho como a própria veste do nosso bom velho..

— «Que idea tiveste, (diz-lhe o pai, então, meu filho, quizeste passar pelo Anão, mas, ai, esqueceste que ele é sabichão !

— FIM —

# A Ilusão do Rabaçal

Por LAURA CHAVES

**N**A Rua de São Marçal,  
em vistosa leitaria,  
numa «vitrine» existia  
certo queijo Rabaçal,  
estúpido e presunçoso  
da sua linda brancura.

Quem não tivesse gordura  
e esse cheiro tão famoso,  
que ele tinha de sobejo,  
não era nada, afinal!  
Ser alguém, é cheirar mal,  
ter muitos olhos, ser queijo!  
Olhava, então, sobranceiro,  
o Flamengo avermelhado,  
o da Serra esbarrondado,  
os queijos com pouco cheiro.

Os olhos do Rabaçal  
brilharam de encantamento  
e olharam o Firmamento...

Ela era o seu ideal!  
Usava o mesmo perfume  
mas um tanto atenuado....  
Ficou logo apaixonado  
e, mordido de ciume,  
maldisse a sorte cruel  
que assim o faz padecer  
porque o queijo «Gruyère»  
inda tem mais olhos que ele!

Ao vê-lo nela enlevado,  
mais a raiva se lhe arreiga,



Chovia a potes — que inferno! —  
Que tempo tempestuoso!

Té que o sol apareceu  
com a sua luz doirada,  
dando na «vitrine» entrada  
e tudo logo aqueceu.

Sentindo esse bom calor,  
o queijo os olhos fechou  
e a dormir principiou  
em delicioso torpor.

Por isso não assistiu  
ao resto do entremez:  
entrou na loja um freguês  
e ao caixeiro, então, pediu  
que lhe vendesse a Manteiga,  
a noiva do Rabaçal.

Embrulhando-a num jornal,  
meteu-a numa taleiga,  
sem que a pobre enamorada  
se pudesse despedir  
do queijo, sempre a dormir,  
numa soneca pegada.

Havia na loja um gato,  
muito gordo e muito mole,  
que adorava estar ao sol  
em bom ripanço pacato.



Até que, num belo dia,  
certa dama loira e meiga,  
chamada D. Manteiga,  
lhe foi fazer companhia.

e, com zelos da Manteiga,  
pensa partir o costado  
ao «Argus» (\*) da leitaria,  
esse tremendo rival!  
O pobre do Rabaçal  
chora de noite e de dia!

Até que a Manteiga, enfim,  
com dó de tanto sofrer,  
se deixou enternecer  
e ao Rabaçal deu o «sim».

Ante essa palavra grata,  
êle, esquecendo os abrolhos,  
chora por todos os olhos  
que parece uma cascata.

Êste idílio gorduroso  
foi no pino dum inverno.



\* Da mitologia. Príncipe que tinha cem olhos, dos quais cincoenta estavam sempre abertos.

Assim que o gato bispou  
que o sol dera ali entrada,  
saiu da sua almofada,  
para a «vitrine» saltou,  
indo-se logo alojar,  
o molengo do animal,  
mesmo ao pé do Rabaçal  
que inda estava a ressonar,  
e pôs-se a fazer rom-rom,  
de olhos já semi-cerrados  
e êsses rom-rons demorados  
diziam: — Que bom! Que bom! —

Depois, todo consolado,  
tratou de os olhos fechar.  
Passou tempo e ao acordar  
o sol tinha-se apagado.

Ia a safar-se dali,  
quando, — que contrariedade —  
sentiu imensa vontade  
— que horror! — de fazer chi-chi!

E, sem mais cerimonial,  
largou um «chi-chi», *falado*  
ao sítio onde tinha estado  
a noiva do rabaçal.

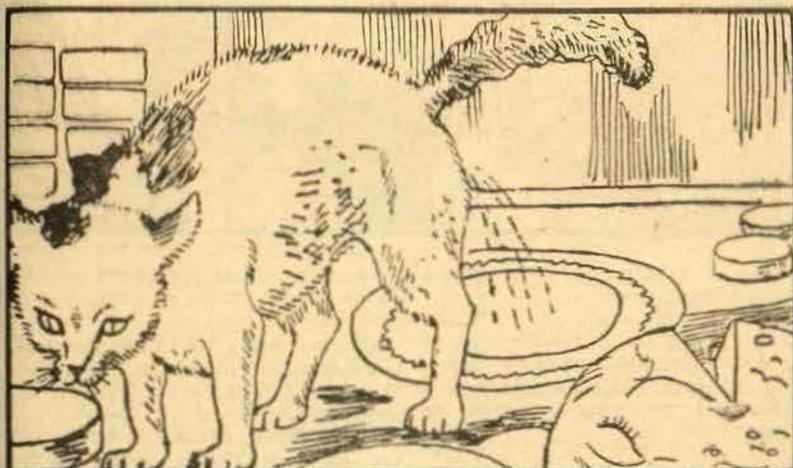
Dando ao rabo de contente,  
vai, depois, o porcalhão  
saltou, leve, para o chão  
e lá deixou o *presente*.

Despertando, o Rabaçal,  
buscou em vão sua amada

e ao ver a montra molhada  
exclamou sentimental:



— Linda morte tu tiveste! —  
e disse, banhado em pranto:  
— Amavas-me tanto, tanto,  
que tôda te derreteste! —



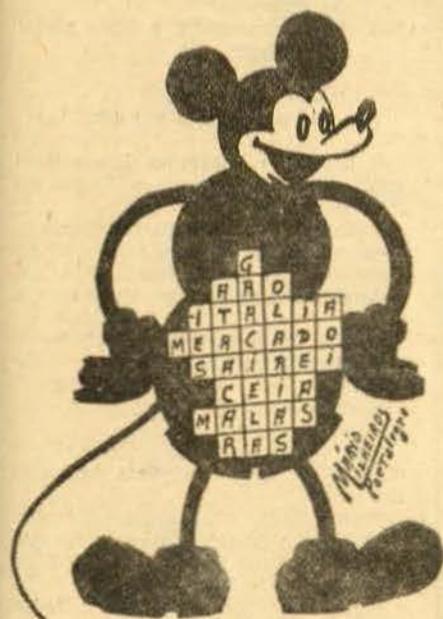
Quanta vez, por nos ser grato,  
a nossa imaginação  
cria assim uma ilusão  
que é também chi-chi de gato.

■ ■ F I M ■ ■

PALA  
VRAS  
CRU  
ZA  
DAS

HORIZONTAIS: —  
1, consoante; 2, fibra  
ou filamento de maté-  
rio textil; 4, adverbio  
de lugar; 5, teatro li-  
rico; 8, costume; 9,  
artigo; 10, consoante.

VERTICAIS — 1, ermo, solitário; 2,  
comédia, cómica; 3, vogal; 4, firmamen-  
to; 5, vogal; 6, consoante; 7, contracção.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA  
ANTERIOR



# O BAILE DE MÁSCARAS DO DOUTOR GATO

Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de CASTANE

Reinava grande entusiasmo entre a bicharada. Nessa manhã, o correio senhor Coelho, distribuiu farta correspondência.

Cada qual recebera o seu cartão, muito bem cheiroso, onde, em grandes letras douradas, se lia o seguinte:

«O doutor Gato e esposa têm a subida honra de convidar Vossa Bicheza para um baile de máscaras a realizar no sábado gordinho, na sua casa do largo do Tás com uma pressa, 9. Traje de rigôr».

Está claro que ninguém pensava em falar. E começaram, imediatamente, os preparativos para o baile. Todos se esforçavam por arranjar o mais bonito e mais original dos trajes.

Sábado gordo. Nas tocas, nos covis, nas kuras, em todas as habitações dos bichos a azáfama é enorme, desde o romper da manhã. Idas e vindas misteriosas, um cochichar, um gargalhar nervoso, indicam que a bicharada se prepara para o baile.

Em casa do doutor Gato trabalhava-se afincadamente. Dona Gata, ainda de roupão e chinelas, o pêlo envolto em papéotes, dava as últimas demãos no salão e entretinha-se a ralar com a criadagem.

«Seu estúpido! — assanhava-se ela, contra o criado Furão. — Você não sabe o que está a fazer!... A pôr a cera toda á entrada da porta, em vez de a espalhar pela sala!... A minha vontade era arranhar-lhe esse porco focinho!...»

E continuaria nos seus destempéros de bicho malcriado, insultando os serviços, se o doutor Gato não tivesse aparecido nessa ocasião, estranhando a *toilette* da esposa:

«Oh filhinha! — ronronou ele. — Então não vais arranjar-te?... Olha que pouco falta para a entrada dos nossos convidados!...»



«Vou já! Vou já! Ai! Este pessoal faz-me velha!...»

E correu para o seu quarto. Tinha apenas terminado a *toilette* quando apareceu o primeiro bando de mascarados. Estes, em enorme algazarra, gritavam, saltavam, empurravam-se, intrigavam-se:

«Adeus, oh tu! Não me conheces?»  
«Já te matei! Já te matei!...»

Nisto, no meio do entusiasmo geral a D. Vaca, dama já um pouco entrada e pesadota, tropeça na cauda do vestido, escorrega no encerado... e zás! estende-se ao comprido. Estala uma gargalhada. Era Mestre Burro que ria, ria, estupidamente.

Dona Vaca, envergonhada, humilhada, levantou-se ajudada por outros convidados e, a coxear, foi esconder-se num cantinho do salão. Mas o juiz doutor Cão, que observava toda a cé-

na, ficou revoltado por aquela grosseria de Mestre Burro e dirigiu-se-lhe, ladrando:

«Quem é mal educada não frequenta e sociedade! Você não sabe que, além da maldade, revela estupidez o rir de quem cai?»

Mestre Burro, muito importante no seu traje de *chêché*, zурroa, insolente:

— «A Dona Vaca só por um triz ao escorregar não racha ou escacha o lindo nariz! E o doutor Cão, — grande juiz! — não é chamado, mas vai metendo o seu nariz!...»

E acabou o improviso dando duas cambalhotas e deitando a língua de fora ao doutor Cão.

Todos os convidados protestaram: «E' indecente! Não se faz! Faltar ao respeito a um juiz!... Rua!... Rua!...». Acudiu o dono da casa, afilíssimo, a miar:

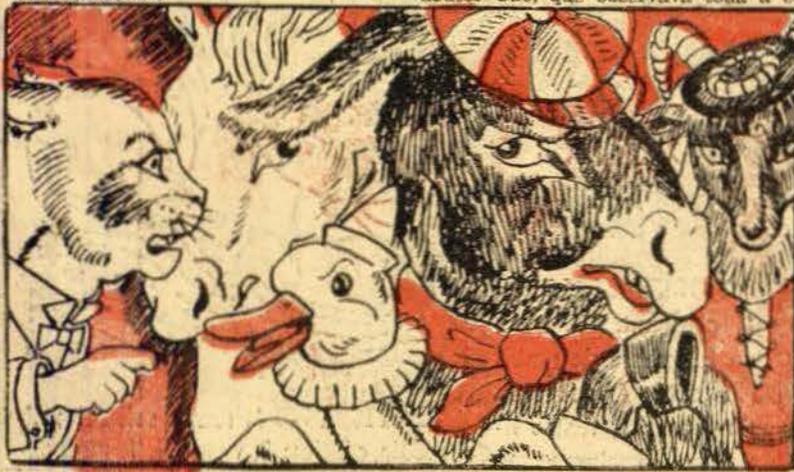
«O que foi isso? O que foi isso?»  
O engenheiro Cavalo relatou o sucedido.

Então o doutor Gato, indignado, dirigiu-se ao Mestre Burro:

«Ou você pede já desculpa ao doutor Cão, ou serei obrigado a mandá-lo sair!»

Mestre Burro, desdenhoso, retorquiu: «Não peço desculpas nem tenho que as pedir. E tão palerma é ele, como você. Boa noite!»

E saiu, atirando com a porta. Todos se entreolharam, espantados com a grosseria de Mestre Burro. Apenas



(Continua na página 6)

# O ANÃO SABICHÃO

## CONTA UMA PARTIDA DE CARNAVAL

**T**ODOS os meninos andam agora no ar!

Há uma tréguazinha nos estudos e, durante uns dias, só pensam nas brincadeiras, segredadas por um demónio, cheio de guizos, castanholas, pandeirêtas que, a guizalhar e a tilintar, em gargalhadas, enche o mundo de alegria!

Esse tal figurão, chamado Carnaval, só aparece uma vez no ano e é preciso aproveitá-lo!

Certamente, todos vocês estão fazendo os seus projectos!

Uns terão bailes, teatros, são até capazes de andar mascarados!...

E foi esta palavra *mascaras* que me fez vir à idéa a história do Antonico, um rapazinho que vivia numa quinta longe da cidade.

O tal Antonico era mesmo levadinho da bréca, mas quando chega este tempo de folgança que podia ele fazer para se divertir, sem companheiros da sua idade com quem brincar?

Na terra só havia bailaricos onde dansavam moçoilas e rapagões do sítio.

Ele era ainda muito pequeno para essas dansas!...

O Antonico pensava e matutava em qualquer partida que o divertisse, quando, no sábado gordo, ao passar pela estrada, deu com um vendedor ambulante, a dormir num banco. A seu lado, estava um cabaz, carregadinho de caraças e narizes de papelão.

— Que belo achado! — pensou, consigo, o nosso Antonico, sorrindo, satisfeito.

Muito de mansinho, aproximou-se do banco, deitou as mãos a uma data de caraças e, num



abrir e fechar de olhos, correu por ali fóra, com o seu roubo.

São coisas que não se fazem!

Eu até estou bastante vexado de as contar, mas o caso passou-se no tempo do figurão dos guizos e castanholas, e é ele que às vezes segreda aos meninos estas diabólicas partidas!

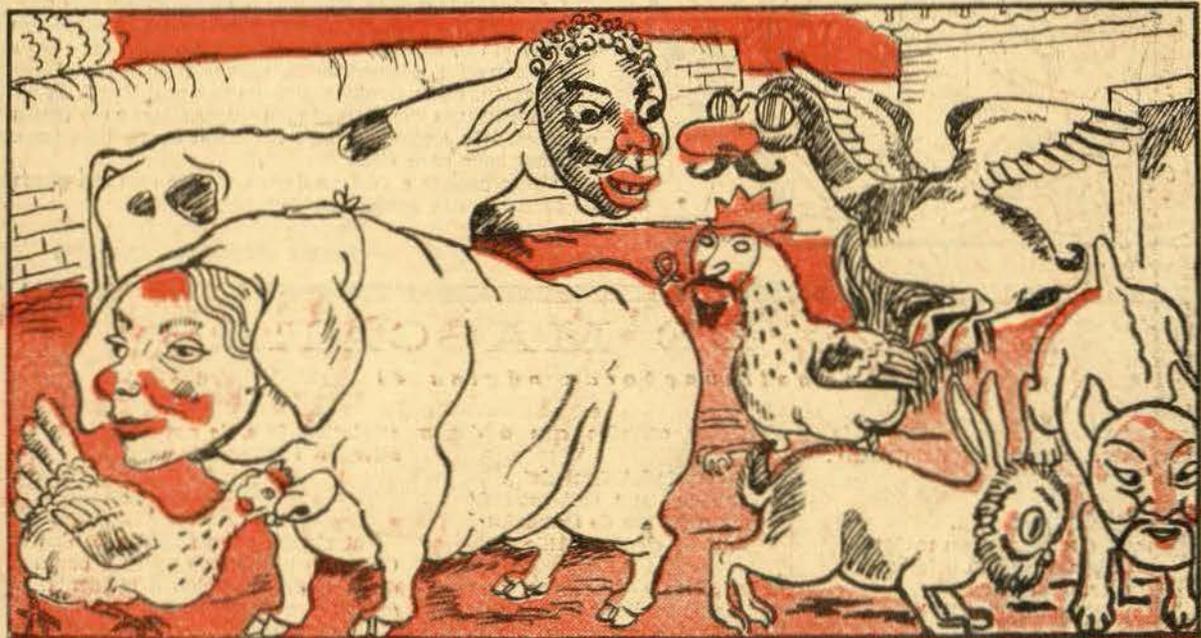
O caso é que o Antonico enfiou com a sua carga para a capoeira.

Com uma mancheia de milho, atraiu a criação que andava por fóra.

Depois seguiu para a coelheira e, atrás dele, o Rabicho, o cachorro da casa, olhava-o de esguelha, muito desconfiado e cheio de curiosidade.

O Antonico entrou, em seguida, na possilga.

(Continua na pagina 8)



# CONSELHOS AOS MEUS AMIGUINHOS



■ Por GRACIETTE BRANCO ■

Meus queridos amiguinhos

É diferente o assunto que hoje me trás para junto de vós.

Não venho tratar do arranjo dos vossos móveis, mas, sim, do arranjo moral das vossas almas

Sugeriu-me a idéa desta palestra, um facto que bastante me impressionou, observado, ontem, numa rua de Lisboa.

Uma criança de dez anos, levando pela mão um velhinho, tratava-o tão bruscamente, com tal falta de respeito e humanidade, que o desgraçado chegou a cair, estendendo-se sobre o tóscico empedrado dum passeio.

Ora isto, meninos, comove os corações, mais duros! Os velhinhos! Os enternecedores velhinhos, dobrados ao péso dos anos, cansados de percorrer toda a longa estrada da vida, coroados pela aureola dos seus cabelos brancos, devem merecer-nos o mais profundo respeito. Nêles devemos ver os nossos avózinhos, os nossos preciosos conselheiros e, também, os entes frágeis como as crianças, precisando



da nossa protecção, do nosso auxilio, do nosso amparo — quasi do nosso regaço! —

Corações cansados de pulsar e de sentir, cérebros fartos de pensar, corpos exaustos, extenuados pela caminhada percorrida, devem, sobretudo, inspirar-nos um forte, um enigalável sentimento de profundo respeito.

Se vimos um velhinho adormecido, tendo deixado cair no chão o livro que segurava nas mãos trémulas, curvemo-nos, apanhando o livro, mas não o despertemos, não quebre-mos a tranquillidade repousante do seu sono. Demos-lhes o nosso braço, se os vimos cansados, sejamos bons para eles, guemo-los, amparemo-los, porque tudo merecem.

E agora, meus meninos, fico-me por aqui, confiada na claridade imensa que desponta em vossas almas e em vossos corações. Não esqueçam! Não esqueçam o que lhes peço. Sejamos bons para eles.

Compensem a tristeza de sua velhice com um pouco de sacrificio das nossas mocidades.

Sempre amiguinha — Graciette

## BAILE DE MASCARAS

(Continuação da página 4)

duas vozes se ergueram, a aplaudi-lo, de relações cortadas com o doutor Dona Cabra, mascarada de peixeira, Oão:

—«Mé... mé... mé...  
mé... stre Furro, tem razão!  
mande a Vaca pró inferno  
em com com...  
em companhia do Oão!».

E logo, de outro lado, se ouviu a voz do senhor Pato Marreco, que andava

—«Apoiado! Apoiado!...  
Quá-quá-quá! Quá-quá-quá!  
Vá p'ra casa do Demônio!  
Juiz de cá-cá-rá-cá!...».

«Fóra! Fóra!» — berravam os convidados, empurrando-os para a rua.

E a Cabra e o Pato saíram logo, a gritar como possessos. Correram atrás de Mestre Burro, afirmando-lhe a sua

solidariedade e, de comum acórdio, resolveram vingar-se da expulsão.

Entretanto, os convidados do doutor Gato iam acalmando pouco a pouco e, daí a nada, esquecido o incidente, já se dançava animadamente.

Abriu o baile o dono da casa, que, elegantissimo, irrepreensível no traje de Págem, seus bigodes frizados e re-

# A DIVINHA

# CHARADAS EM FRASE

O salário deste homem figura no rol do director do periódico. 2-2.  
Na farmácia, junta ao ribeiro estava o farmacêutico. 3-2.  
Um personagem deste suplemento, depois de comer uma coesa de trigo, fez-se arrogante. 1-1.



Este menino está a chorar porque quer fazer uma coisa e não encontra o objecto onde a sua mamá quer que ele a faça. Vejam se descobrem o que ele quer e qual o objecto que procura.

## PARA OS MENINOS COLORIREM



torcidos, foi convidar a Condessa Róla, mascarada á Luiz XV.

A alegria era entusiástica! O jazz desafinadíssimo e ruidoso, obrigava a dançar os mais sisudos. Aproximava-se a hora da ceia e todos os focinhos se iluminavam á idéa dos belos petiscos que, dentro em pouco, iriam saborear.

Mas, de súbito, partem-se os vidros duma das janelas do salão. E pela abertura surge um monstro horrível, descomunal, apavorante! As damas desmaiaram! Os cavalheiros, mesmos os valentões, recuam a tremer! E o monstro avança, avança sempre, fazendo um barulho infernal, atirando com as cadeiras, partindo tudo o que lhe fique ao alcance!

Apenas um bicho não perdera a serenidade: o Macacão Velho. Agachado atrás do plano, pôs-se a espreitar, a observar...

E notou que o monstro tinha patas de burro e bico de pato. E destrinçou, dentre a bulha, que o monstro fazia, um hi-han! hi-han! de burro, um mé! mé! de cabra e um quá-quá-quá! de pato...

«Táte! — guinchou ele saltando para cima do plano. — Já te matei, ó máscara!...»

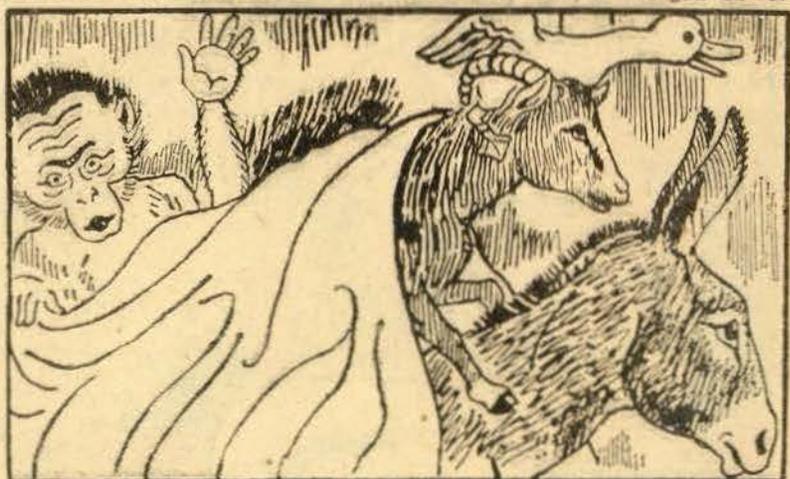
O monstro enfurecido avançou para o Macacão, disposto a fazer-lhe pagar cara a sua audácia. Mas este, rapidamente, pulou para o chão e ferrou-lhe uma dentada numa perna. Com a dor, o monstro empinou-se e atirou uma parelha de coices, mostrando á assistência, já menos apavorada, as grandes orelhas de Mestre Burro. Dona Gata, que se equilibrava sobre o dorso

déle, não ponde aguentar o safanho e rebolou para o solo. E o senhor Pato Marreco, que estava empoleirado em cima da cabeça da Cabra, caiu, também, atrapalhado com o lençol em que os três farcantes se tinham envolvido, para assustar os outros bichos.

Mandou abrir as portas da sala de jantar e miou:

«A ceia está na mesa!...»

Milagre dos milagres!... Dai a poucos minutos o unico ruido que se ouvia era o que o menino Porco, mascarado de leiteiro, fazia, a mastigar. Os rec-



Escusado será dizer que estes lhes fizeram uma corrida em pélo. Indignadíssimos atiraram-se aos intrusos e, se eles não resolvem fugir para bem longe, é muito provável que nem os ossos se lhes aproveitassem!...

Mas os ânimos continuaram exaltados, apesar da fuga dos culpados. Já se esboçavam conflitos, devido á acusações mútuas de cobardia. Dona Gata, porém, muito pesarosa com o ocorrido, teve uma excelente idéa:

tantes bichos devoravam em silêncio, para lhes saber melhor as ricas iguarias da Dona Gata.

E, algum tempo depois, recomeçou o baile, que, sem mais novidade, se prolongou até de manhã, com geral aprazimento dos distintos convidados do doutor Gato.

■ F I M ■

## Anão Sabichão conta uma partida de Carnaval

(Continuação da pag. 5)

De repente, á porta, surdiu um animal extraordinário, grunhindo, desesperadamente.

O corpo era de porco e a voz também, mas a cara era de gente!

Dando ás ásas, assarapantado, apareceu depois, um pato, de grande penca e óculos prêtos!

E veiu um ganso de grandes bigodeiras, mais um coelho com cabeça de môcho e um vitelo com a cara dum pretalhão e até o cachorrito Rabicho, ganindo, a pedir socôrro, corria desenfreado com a carantonha dum chinez posta sobre o seu focinho de cão.

Toda esta bicharia grunhia, piava, balava, grasnava cacarejava, fazendo um barulho infernal!

O caseiro e a mulher acudiram á balbúrdia e desataram a fugir, berrando assustadissimos, diante daquele rebanho de monstros!

Foram dar parte á autoridade, dizendo que tinham a propriedade invadida por uma legião de demônios e pediam, apavorados, que os livrassem daquela calamidade!

O regedor chamou os cabos da policia e tódos se armaram de varapaus para dar caça aos animais monstruosos!

Mas, ao chegarem á quinta, não viram nem vestígios de tal cousa!

Ao pé do tanque estava o Antonico, muito sereno a atirar migalhas aos patinhos que ali nadavam, e todos os outros bichos, passejavam, muito sossegados, focinhando, depenicando e comendo as suas rações, na melhor paz e harmonia!

Nada de carêtas e carantô-nhas. Tódos êles tinham os focinhos e os bicos do costume!

Quem ficou de cara á banda, foram os espantados caseiros que, ainda por cima, apanharam tremenda descompostura do senhor regedor e da mais gentinha que acudira sobressaltada!

— Se já se viu uma cousa assim! — gritaram, turiosos. — Incomodar a aldeia inteira por via dum sônho! —

Foi esta a partida que ao Antonico segredou o figurão Carnaval e que o vosso amigo Anão vos veiu contar, na ideia de divertir os seus leitoresinhos, nesta epoca de reinação.

O Anão Sabichão

■ | ■ FIM ■ | ■

